



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Arroz e Feijão
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1678-9644

Dezembro, 2007

Documentos 213

Produção Comunitária de Sementes: Segurança Alimentar, Desenvolvimento Sustentável e Cidadania

Agostinho Dirceu Didonet

Santo Antônio de Goiás, GO
2007

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Arroz e Feijão

Rod. GO 462, Km 12

Caixa Postal 179

75375-000 Santo Antônio de Goiás, GO

Fone: (0xx62) 3533 2100

Fax: (0xx62) 3533 2123

sac@cnpaf.embrapa.br

www.cnpaf.embrapa.br

Comitê de Publicações

Presidente: *Luis Fernando Stone*

Secretário: *Luiz Roberto Rocha da Silva*

Supervisor editorial: *André Ribeiro Coutinho*

Normalização bibliográfica: *Ana Lúcia D. de Faria*

Revisão de texto: *Vera Maira T. Silva*

Capa: *Sebastião José de Araújo*

Editoração eletrônica: *Fabiano Severino*

1ª edição

1ª impressão (2007): 500 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Arroz e Feijão

Didonet, Agostinho Dirceu.

Produção comunitária de sementes : segurança alimentar, desenvolvimento sustentável e cidadania / Agostinho Dirceu Didonet. - Santo Antônio de Goiás : Embrapa Arroz e Feijão, 2007.

15 p. - (Documentos / Embrapa Arroz e Feijão, ISSN 1678-9644 ; 213)

1. Agricultura familiar. 2. Produção de sementes. 3. Agricultura sustentável.
I. Título. II. Embrapa Arroz e Feijão. III. Série.

CDD 631.521 (21. ed.)

© Embrapa 2007

Autores

Agostinho Dirceu Didonet

Engenheiro Agrônomo, Doutor em Fisiologia Vegetal

Embrapa Arroz e Feijão

Rod. GO 462, Km 12

75375-000 Santo Antônio de Goiás - GO

didonet@cnpaf.embrapa.br

Apresentação

A semente com qualidade é uma das principais garantias da sustentabilidade alimentar do homem que trabalha a terra e da sua família. A proposta de produção comunitária de sementes e a criação de bancos comunitários de sementes vem assegurar não somente o futuro, mas também a valorização dos saberes científicos e tradicional, possibilitando um melhor saber fazer entre as populações locais, os pequenos agricultores e a Embrapa Arroz e Feijão.

Esta atitude é fundamental para proteger as variedades nativas e pesquisar novas opções de cultivares não só para a sobrevivência de seus usuários mas também para aumentar a sua qualidade de vida e competitividade produtiva.

Sendo assim, acreditamos estar inserindo novos critérios de legitimidade na seleção e apropriação de novas tecnologias para as populações locais e pequenos agricultores familiares, carentes de segurança alimentar e de cidadania.

Beatriz da Silveira Pinheiro
Chefe-Geral da Embrapa Arroz e Feijão

Sumário

Introdução	9
Objetivo Proposto	10
Metas	10

Produção Comunitária de Sementes: Segurança Alimentar, Desenvolvimento Sustentável e Cidadania

Agostinho Dirceu Didonet

Introdução

Semente é o principal insumo para a produção de alimentos na agricultura e, em comunidades tradicionais de pequenos agricultores, vem agregada a um alto valor cultural e associada a uma racionalidade própria. O alto custo das sementes de novas variedades, o empobrecimento dos agricultores, as leis de proteção, a demora na multiplicação e na distribuição causam grande apreensão aos produtores, limitando-lhes o acesso às sementes de qualidade. Ainda, o mercado formal somente disponibiliza sementes fiscalizadas de algumas poucas cultivares protegidas, o que restringe a diversidade necessária para garantir a segurança alimentar e a produção nas pequenas propriedades.

Estima-se que, nos países em desenvolvimento, cerca de 90 % das sementes utilizadas para a produção de alimentos na agricultura sejam provenientes de um sistema informal de produção de sementes. Na maioria dos casos, as sementes utilizadas pelos pequenos agricultores são originárias dos “melhores grãos”, que são resguardados do consumo.

A dificuldade ao acesso e os altos custos das sementes de qualidade, aliado às dificuldades financeiras dos pequenos agricultores assentados, juntamente com a quase ausência de assistência técnica, fazem da produção comunitária de sementes uma saída viável, tanto para as lavouras de subsistência, quanto para facilitar a comercialização dos excedentes.

A segurança alimentar desses agricultores e suas famílias também está associada à diversidade varietal dos cultivos básicos de arroz, feijão e milho, à preservação e à melhoria na qualidade das sementes de cultivares tradicionais, o que certamente poderia ser viabilizado por meio da criação de um banco comunitário de sementes. Neste sentido, busca-se facilitar o acesso às sementes de boa qualidade agrônômica a dois assentamentos, pela implantação de unidades comunitárias de produção de sementes de arroz, feijão e milho, pela criação de um banco comunitário de sementes, garantindo, além disso, as necessárias orientações técnicas, não só na produção de sementes, mas também nas lavouras de produção e na gestão da propriedade.

A disponibilização de conhecimento técnico na produção de sementes de arroz, feijão e milho, assim como a implantação de unidades comunitárias de produção de sementes servirão de modelo para outros assentamentos, além de também constituir ferramenta para a difusão e apropriação de tecnologias. Acredita-se que o maior impacto de uma tal iniciativa esteja na formação de um banco de sementes comunitário, que permitirá o acesso a uma diversidade varietal de sementes, à preservação de sementes tradicionais altamente adaptadas às condições locais, e de alto valor sócio-cultural para as comunidades, culminando com a preservação e a valorização do espaço rural.

Objetivo Proposto

Disponibilização e apropriação de tecnologia para a produção de sementes de arroz, feijão e milho, em área de agricultores familiares em dois assentamentos localizados no município de Caiapônia - GO.

Metas

1. Formar dois “bancos de sementes” nas comunidades (um em cada comunidade).
2. Introduzir tecnologias simples e apropriadas para produzir e armazenar sementes próprias de boa qualidade, beneficiando cerca de 40 famílias de assentados.
3. Implantar unidades de produção comunitária de sementes para que, de forma participativa, possam ser introduzidas novas cultivares, atendendo a cerca de 40 famílias de assentados.

4. Capacitar multiplicadores em assistência técnica (aproximadamente 40 técnicos) para viabilizar a produção própria e a conservação de sementes de boa qualidade nas comunidades.
5. Apropriar conhecimentos locais na produção de alimentos básicos, incentivando o uso de conhecimentos dos produtores nas duas unidades comunitárias de produção de sementes a serem introduzidas e/ou crioulas
6. Produzir material didático (cartilhas), associando a produção própria de semente com os princípios de produção agroecológicos, para uso dos multiplicadores e das comunidades.

As metas qualitativas e quantitativas eram inicialmente as descritas acima, sendo que a principal delas era a formação e o resgate da produção própria de sementes de boa qualidade para o plantio seguinte, a partir de semente desenvolvida pela pesquisa. Nosso objetivo, além de garantir as sementes para o próximo plantio, era incentivar práticas agrícolas simples que melhorassem a conservação do solo, reduzir a dependência externa, agregar valor às atividades já executadas pelos assentados e mostrar de alguma forma a importância do gerenciamento da propriedade e dos recursos disponíveis (Figura 1). A distribuição e a troca de sementes tradicionais, bem como aquelas produzidas nas áreas comunitárias, seriam incentivadas com a implantação dos bancos de sementes.



Fig. 1. Reunião com técnico local e assentados do Assentamento Cachoeira Bonita, discutindo práticas agrícolas para a produção de sementes de boa qualidade.

Em comum acordo, decidiu-se que a produção de sementes seria feita em glebas dos próprios assentados, e que as sementes produzidas seriam de propriedade de quem tivesse participado de alguma forma na produção, mediante critérios estabelecidos entre eles. Cada um dos participantes do grupo do milho (Figura 2), do grupo do feijão (Figura 3) e do grupo do arroz (Figura 4) de cada assentamento teve a sua parte dos grãos produzidos e, como tal, fez o uso que julgou ser mais vantajoso na remuneração da sua atividade.



Fig. 2A. Lavoura para produção de semente de milho varietal.



Fig. 2B. Encontro para discussão da produção de sementes de milho com demais assentados da região de Caiapônia, GO.



Fig. 3. Lavoura destinada à produção de semente de arroz.



Fig. 4. Lavoura destinada à produção de semente de feijão.

Com a ajuda e o incentivo dos técnicos locais, foi demonstrada a forma ideal de selecionar e armazenar os melhores grãos destinados ao plantio seguinte, sempre tendo o cuidado de respeitar as formas tradicionais próprias de selecionar e guardar os melhores grãos destinados ao plantio (Figura 5). Tal procedimento foi muito importante, uma vez que uma parte dos assentados nunca havia tido contato com a produção de grãos destinados à segurança alimentar, e aqueles que tinham alguma experiência com “lavoura” ou “agricultura” haviam trabalhado como peões na criação de gado de corte ou como diaristas em áreas de produção de grãos para exportação.



Fig. 5. Reunião com técnicos locais e assentados sobre seleção dos melhores grãos destinados ao armazenamento das sementes de milho.

Assim, o próprio assentado sentiu-se dono da semente. Por mecanismos próprios e, em casos muito particulares, exerceu seu direito de proprietário, tornando-se ao mesmo tempo, o guardião da semente. Este procedimento evitou a necessidade de manutenção de um local “comunitário” para o armazenamento das sementes, evitando que o presidente da associação ou o técnico local se considerassem “os donos” da semente, e, o mais importante, inibindo o surgimento de descontentamento entre os membros da comunidade. Critérios particulares e/ou negociados nos grupos foram seguidos para a distribuição e/ou o escambo e, em alguns casos, a venda entre o “dono” da semente e os interessados em adquiri-la. Como resultado deste processo, praticamente 100% dos trabalhadores dos assentamentos em questão que tiveram interesse, conseguiram um “pouco” da semente e a oportunidade de multiplicá-la para plantio no ano seguinte. Houve casos em que a procura pela semente, principalmente do “feijão de cor”, extrapolou os limites dos assentamentos participantes do projeto, chegando às mãos de pequenos produtores que, de alguma forma, mantinham e ainda mantêm contato com os assentados.

Vale ressaltar que esta forma aparentemente “rústica” de um banco de sementes foi extremamente eficiente em produzir, distribuir, armazenar e, sobretudo, introduzir novas cultivares e processos mais sustentáveis de produção. Isto determinou a importância de se levar em consideração os princípios participativos na tomada de decisão, respeitando e adaptando os objetivos e metas da proposição ao interesse e à predisposição do indivíduo e da comunidade envolvida. Por outro lado, ressalta-se que, em todas as decisões tomadas de forma participativa, deixou-se claro a responsabilidade de todas as partes, no sentido de se buscar aquilo que foi determinado. Esta responsabilidade delegada à comunidade gerou longos debates e discussões, porém, ao final do processo, criaram-se e solidificaram-se relações de confiança entre os pesquisadores, técnicos, assentados, daí resultando maior atenção do poder público para com as comunidades de assentados.

Talvez o maior resultado do projeto não tenha sido nem a introdução de novas cultivares de arroz, de feijão e milho, amplamente disseminadas na região, mas o resgate da cidadania e da plena convicção que o assentado passou a ter de que é possível ter uma vida digna no assentamento. Isso tudo pode ser traduzido em inclusão social, perceptível até fora dos limites dos assentamentos. Ficou bastante claro que a garantia da subsistência, a diversificação e a segurança alimentar são elementos fundamentais que funcionam como degraus sólidos

rumo à sustentabilidade. A melhoria das condições de vida e o acesso ao crédito e à assistência técnica de qualidade proporcionaram renda, ampliação no comércio e nos serviços, resultando naquilo que poderíamos chamar de desenvolvimento local sustentável.

Depoimento de um assentado que participou do projeto.

“Hoje nós fazemos nossa semente com a ajuda da Embrapa, que também ensinou a gente como trabalhar. A gente foi pra lá, era da cidade, e não conhecia nem como plantar um caroço de milho, nem nada. E hoje, graças a Deus a gente faz até a semente da gente. É arroz, milho, feijão. Nós temos hoje na nossa propriedade todos os confortos que na cidade nós não tínhamos, quem quiser ver pode ir lá. Faz três anos que a gente planta lá, com a ajuda deles, e só agora que os outros estão vendo que aquilo tem futuro. A gente distribuiu semente até para outros assentamentos que têm aqui ao redor, sementes de milho, feijão. E agora quero ver se planto um adubo verde também, porque depois que vi como é que funciona lá na fazendinha da Embrapa(...).

“Se Deus quiser, com a ajuda da Embrapa, acho que a gente vai chegar lá. Outros assentados têm inveja da gente: ‘Por que a Embrapa não vai lá também? Por que só vocês têm direito?’. Mas não é isso. É que eles ainda não chegaram lá, mas não se preocupem que eles vão chegar.”

